



Água para cerca de 5 mil pessoas em Mecanhelas

FINANCIADO POR



PARCERIA



WaterAid leva água às populações carenciadas de Mecanhelas

Rosalina Catxala, 32 anos de idade, camponesa e doméstica, vive em Nhangataiane, uma comunidade pertencente ao Posto Administrativo de Insaca, no Distrito de Mecanhelas, Província de Niassa. Rosalina é mãe de cinco filhos, três dos quais ajudam-lhe nos trabalhos da machamba, onde cultivam feijão, milho, mandioca, algodão e tabaco, estes últimos para fins comerciais.

Desde que ela nasceu, sempre bebeu água suja tirada num furo tradicional, há cerca de 2 km da casa. Por ser imprópria para o consumo humano, a água do furo provocava diversas doenças, com destaque para cólera e diarreias.

“Os meus três filhos que hoje ajudam-me na machamba tiveram que deixar de estudar porque sempre ficavam com dores de barriga e faltavam às aulas. Tinham muitas faltas e os professores não compreendiam a razão da sua ausência na escola. Além disso, mesmo que estivessem bem, primeiro tinham que ir tirar água no poço antes de irem à escola e isso fazia com que atrasassem, já que o poço estava sempre cheio”, conta ela.

“Como era distante, tínhamos que ir lá pelo menos 4 vezes por dia, para garantir que a água era suficiente para todos os trabalhos domésticos: tomar banho, cozinhar, lavar roupa, beber e ainda conservar alguma para o dia seguinte”.

Chumbei na Quarta Classe por falta de água



Joana João. Foto: WaterAid/Arão Valoi

Uma dos cinco filhos da Rosalina Catxala é Joana João, aluna da Quinta Classe na Escola Primária Completa de Insaca, cerca de 3 km de Nhangataiane. Joana tem 14 anos, idade de uma criança que, em condições normais, devia andar na oitava classe. Mas por causa da situação e das condições em que vive, está 4 anos atrasada. Em 2016 reprovou na Quarta classe e ela conta que tudo esteve relacionado com a falta da água na comunidade.

“Sempre atrasava à escola porque tinha que acordar cedo para ir ao poço, ficar na fila, para tirar 20 litros de água e voltar para casa. Só depois disso é que me preparava para as aulas, mas chegava sempre tarde. Tive muitas faltas e o professor achou que eu não podia progredir, por isso, tive que repetir”, afirma ela, com ar de alguma preocupação. Para agravar a situação, Joana diz que a água não era suficiente para lavar uniforme. Por isso, sempre se apresentava suja na escola.

Joana é, na verdade, a imagem de tantas outras crianças desta e de outras comunidades que, por falta de água, perderam as aulas. Muitas vezes, estas crianças contraem doenças associadas à água e não podem continuar a estudar, ficando daí limitadas na progressão escolar.

A água do poço cheirava mal e nos trazia doenças

Nas mesmas circunstâncias encontrava-se Teresa Luís, 29 anos de idade, também camponesa e doméstica. Teresa é vizinha e amiga da Rosalina Catxala e, muitas vezes, iam juntas ao poço, onde buscavam água suja. Teresa lembra-se com mágoa das tantas vezes que os seus 4 filhos ficavam doentes, queixando-se de dores de barriga e diarreias.

“As nossas crianças ficavam com barrigas e cabeças grandes e as pernas pequeninhas. Nós não sabíamos o que se passava, até que uma brigada da saúde veio nos explicar que estava associado à água que bebíamos, mas também aos cuidados que devíamos ter com os alimentos que dávamos para as crianças”.

Teresa explica que a água do poço cheirava mal e, muitas vezes, saía com lama.

“Muitos de nós nunca fervemos a água. Não sabíamos que isso era importante. Bebíamos assim como vinha do poço. Ficávamos sempre doentes, mas como não sabíamos pensávamos que a doença vinha doutra coisa. Só depois dessa brigada nos ter explicado é que passamos a ferver a água e as diarreias reduziram um pouco”, lembra.

Fontanário que trouxe saúde e esperança

Nhangataiane, com cerca de 250 pessoas, é uma das quatro comunidades rurais do Distrito de Mecanhelas que, graças ao Projecto JOA, da WaterAid, receberam fontanários de água limpa. Incluem-se Insaca, Bohola e Nauange, abrangendo um total de 4620 pessoas. A água que abastece as quatro comunidades parte de um Sistema de Abastecimento de Água com pequenas bombas movidas a painéis solares, montado na Escola Primária Completa de Insaca.



Sistema de Abastecimento de Água montado pela WaterAid na EPC de Insaca. Foto: WaterAid/Arão Valoi

O Sistema em alusão é composto por uma torre de 10 metros, um furo de 52 metros de profundidade, um tanque de 10 mil metros cúbicos de água e um total de cerca de 3800 metros de tubagem. A sua construção teve início em Outubro de 2017, tendo as obras sido concluídas em Dezembro do mesmo ano. Com a construção deste sistema, espera-se que 350 pessoas que vivem nas aldeias vizinhas (Jossene, Mitunduni, Chaca, Nduna e Nsaca) também tenham acesso à água.

Igualmente, 508 crianças da escola tem acesso a instalações de saneamento seguro, já que o projecto incluiu a construção de um bloco higiénico sanitário equitativo e inclusivo na Escola Primária Completa da Comunidade de Insaca. Foi formado um Clube de Saúde Escolar com 12 membros (9 alunos e professores) treinados em boas práticas de higiene, incluindo a gestão de higiene menstrual.

Quatro Comitês de Água foram formados, sendo um para cada fonte. Os comitês tem, no total, 48 membros constituídos por pessoas seleccionadas nas comunidade, sendo 50% mulheres. Entre outros, os comitês têm estado a receber treinamentos em gestão e manutenção do sistema de abastecimento de água;



Rosalina Catxala, tirando água do fontanário novo construído pela WaterAid em Nhangataiane. Foto: WaterAid/Arão Valoi

O Distrito de Mecanhelas conta com 260 mil habitantes. Destes, apenas 32% tem acesso à água. Tem dois Postos Administrativos, nomeadamente Chiúta e Insaca. Conta, igualmente, com quatro localidades: Chissaua, Iataria, Matequesso e Entrelagos. Porém, há quem considere Insaca e Chiúta como localidades. As principais actividades do Distrito são a agricultura, pecuária e um comércio predominantemente informal. As culturas mais presentes são o milho, a mandioca, feijões e Tabaco, este último para fins comerciais.

Nome da comunidade	Nr. famílias	BENEFICIÁRIOS				
		H	M	Rapaz	Rapg	Total
Nsaca	269	160	188	282	241	1045
Bohola	132	148	147	104	106	613
Nauanje	121	112	130	149	141	630
Nhangataiane	36	37	47	71	46	250
EPC de Insaca	0	3	16	258	262	539
Bairro vizinho de Bohola	205	204	242	213	284	1025
Comunid. Vizinha Nhangataiane	112	101	122	98	121	518
TOTAL	875	765	892	1.175	1201	4620

Projecto que veio ajudar pessoas como Teresa, Joana e Rosalina

Foi com base neste projecto que a WaterAid conseguiu ajudar populações e pessoas como Teresa Luís, Joana João e Rosalina Catxala. Com a chegada da água às suas comunidades, estas pessoas viram as suas vidas a melhorarem e, por isso, começam a sonhar num futuro risonho, cheio de prosperidade.

“Para nós, este é sinal de desenvolvimento. Sofríamos muito devido a falta de água e desde que começamos a usar este fontanário, nunca mais ficamos doentes. A água daqui é sempre fresca, boa e agradável de beber. Notamos uma diferença enorme”, diz Teresa Luís, com a emoção a transbordar-lhe nos olhos. Por ter a água perto da casa, Teresa é uma mulher feliz.

“Dantes perdia tempo a ir ao poço tirar água. Agora dedico-me mais à machamba e a outros afazeres domésticos. Sei que a água está perto, uns 30 metros, e não me preocupo mais”.

Aliás, foi justamente por estar perto do fontanário que Teresa acabou assumindo a responsabilidade de dirigir o Comité de Gestão do Fontanário. Nessa qualidade, ela ensina os outros membros da comunidade a cuidarem da infra-estrutura e a praticarem acções de boa higiene pessoal e comunitária, até porque já não falta água para o efeito.

“Esta água mudou muito a minha vida e estou a usá-la com todo o gosto. Por isso, aceitei o desafio de integrar o Comité de Gestão. Todo o mundo sabe que há regras para usar este fontanário: os cuidados que devemos ter com a água, com o local onde está a infra-estrutura e com toda a comunidade”.

Joana João é outra que sente o impacto da chegada da água limpa à comunidade. Se dantes perdia aulas por falta da água, agora já é aluna assídua na escola e pensa em ser professora “para ensinar as outras crianças sobre os desafios da vida”.

“Com este sistema perto de casa, não há mais motivos para atrasar às aulas e nem quero ter mais faltas na escola. Estou muito feliz e sinto que vou passar para a Sexta Classe. A minha intenção é continuar a estudar até que consiga ser professora”, continua Joana, agora uma menina limpa e saudável.

“Já não tenho problemas em lavar meu uniforme. A qualquer altura depois das aulas, posso vir tirar água e lavar. Já não sofro como dantes”. Rosalina Catxala também é uma mulher alegre com a chegada da água à Nhangataiane.

“Estamos muito felizes. Pensávamos que fôssemos uma população esquecida, mas Deus nos enviou a WaterAid para nos ajudar. Deixamos de sofrer. Hoje, a qualquer altura, temos água perto da casa”.

Sistema Modelo em Mecanhelas

O modelo de Sistema de Abastecimento de Água com pequenos painéis solares e que está a ser gerido pela comunidade será documentado e divulgado entre as partes interessadas ao nível distrital, provincial e nacional e utilizado como evidência para defender tecnologias alter-

nativas e fornecimento de serviços de água e saneamento sustentáveis. O facto de integrar água, saneamento e higiene é motivo que suscita interesse por parte do Governo do Distrito, tal como explica Afonso Bero, da Associação Mista Religiosa Para Educação Moral (AMIREMO).

A AMIREMO é o parceiro local da WaterAid na implementação do Projecto e está baseada em Mecanhelas. Trata-se de uma agremiação que surgiu em 1996 como iniciativa local de várias congregações religiosas, tendo como finalidade ajudar na moralização da sociedade na fase pós conflito armado, intervindo também na questão da cidadania e participação do cidadão no desenvolvimento do País.

Quando em 2006 a WaterAid aproximou-se ao Governo de Mecanhelas para dar início aos seus projectos de provisão de serviços de água e saneamento, houve a necessidade de identificação de um parceiro local, num contexto em que não existiam tantos. A AMIREMO acabou sendo referência única e, em 2007, começou a parceria com a WaterAid.

Afonso Bero explica que na fase de implementação do projecto, houve muitas dificuldades de ordem burocrática, principalmente com o Governo do Distrito.

“O Governo indicava as comunidades beneficiárias e nós preparávamos a intervenção para essas comunidades, incluindo a criação de comités de gestão. Com as coisas já avançadas e com as populações avisadas e sensibilizadas sobre o início das actividades, o Governo aparecia a dar indicação de outras comunidades beneficiárias”, lembra Afonso. Entretanto, foi possível ultrapassar esses constrangimentos e a parceria tripartida (Governo, WaterAid e AMIREMO) continua saudável.

Comités de gestão reforçam senso de pertença

Cada um dos quatro fontanários construídos no âmbito do Projecto JOA tem um Comité de Gestão que é responsável pela busca de soluções, não só para os cuidados e manutenção da infra-estrutura, mas também para garantir que a infra-estrutura é usada dentro dos parâmetros fixados. Igualmente, o comité é responsável pela manutenção da higiene no fontanário e pela sensibilização da comunidade sobre boas práticas de higiene. Questões como construção de latrinas melhoradas, lavagem das mãos, limpeza nas casas, necessidade de ferver a água antes de consumo e a preparação dos alimentos, são abordadas pelos comités.

De uma forma geral, os comités são constituídos por 12 membros, sendo 6 mulheres e igual número de homens. Apesar de serem voluntários, os membros dos comités devem ser pessoas confiadas na comunidade. Anífa Matias, 38 anos, faz parte do Comité do fontanário de Insaca, localizado na Escola Primária Completa do mesmo nome. É nesta escola onde o Sistema está montado. por isso, sente-se lisonjeada por fazer parte de um grupo que tem que gerir o fontanário, mas também observar o funcionamento do Sistema para garantir que as quatro comunidades não ficam sem a água.

“Há mais ou menos seis meses que trabalho aqui. Estou feliz porque sou filha desta comunidade e tudo o que faço é para o benefício desta população”. Embora feliz, Anífa diz reconhecer que a falta de água em Mecanhelas seja um problema bastante sério.

Matronas integradas no processo de sensibilização

As matronas, mulheres que pela sua idade e reputação, ganharam respeito e admiração na comunidade estão, no âmbito da implementação deste projecto, integradas no processo de sensibilização para saúde e higiene. Cada comunidade abrangida tem três matronas activas, totalizando o número de doze mulheres.

“Nós fazemos palestras nas escolas envolvendo meninas em idade menstrual. A nossa meta é quebrar mitos sobre a menstruação. Aqui em



Maria David, Elisa Missiua e Arminda Madala, matronas que tem ajudado as comunidades sobre questões de saúde. Foto: WaterAid/ Arão Valoi

E aponta algumas áreas críticas: “temos comunidades como Mulinda, Chamba e outras que nem se quer um furo tem. Se fosse possível, gostaríamos de pedir a WaterAid para também olhar para esses sítios, porque nós quando estamos sentados aqui sempre passam pessoas doentes para hospital e dizem que são doenças ligadas à água”.

Mecanhelas, principalmente nas comunidades mais rurais, há diversas percepções sobre o início do período menstrual.

Há avós que chegam a dizer as crianças que estão amaldiçoadas e quando é assim, estas entram em pânico e deixam de continuar a estudar”, explica Maria David, 50 anos de idade e mãe de seis filhos.

Na companhia da Elisa Missiua, 65 anos e da Arminda Madala, cuja idade lhe foge à memória, Maria vai explicando o dia-a-dia destas senhoras cuja idade testemunha a experiência que lhes acompanha.

“O nosso trabalho é delicado porque temos que quebrar percepções de certas famílias e comunidades. Não é fácil fazer entender alguém que acredita em algo errado sobre a importância de mudar, mas por causa

do respeito que as pessoas tem em nós, acabamos tendo sucesso”, afirma Maria.

Elisa Missiua acrescenta que desde que o Governo nos ordenou a pararmos de dar assistência a partos domiciliários, o trabalho ficou mais virado para a componente de sensibilização.

“Quando somos solicitados a intervir, entramos imediatamente em contacto com o hospital e mandam ambulância para socorrer a mulher grávida. Já não podemos assistir a partos, porque todos eles devem ser no hospital”, clarifica ela, acrescentando que o foco é mais palestras nas escolas.

As matronas também trabalham em colaboração com a área da saúde para identificar crianças malnutridas, informando aos respectivos pais para encaminharem as mesmas aos centros de saúde. Na mesma perspectiva, assumem o papel de educadoras, ao ensinar as mães sobre o modo de preparação dos alimentos.

“As pessoas nas comunidades já aderem aos nossos ensinamentos, por isso que as mães grávidas sempre nos procuram e, como entre nós trabalhamos em plena colaboração, é fácil responder a todas as solicitações”.

Ao nível das escolas, para engajar os alunos, o Projecto também institucionalizou os Clubes de Saúde Escolar. E as palestras das matronas sobre higiene menstrual tem aqui um público de interesse. Na Escola Primária Completa de Insaca foi possível conversar com parte dos alunos envolvidos no clube.

Com uma média de idade de 13 anos, muitos dos alunos reside nas comunidades onde a WaterAid tem intervenções e estão familiarizados com as actividades da organização.

“No nosso núcleo tratamos de educação para higiene pessoal, escolar e comunitária”, conta uma aluna de 12 anos, aluna da Quinta Classe que, no entanto, não esconde a sua timidez, aliada a dificuldades de expressão em língua portuguesa.

Este Sistema mudou a vida da escola e dos alunos

O Director da Escola Primária Completa de Insaca, local onde está instalado o Sistema refere que a montagem de água naquele estabelecimento de ensino mudou por completo a vida dos alunos e da própria escola. Eliseu Afonso disse que as infra-estruturas que Compõem o Sistema dão uma outra imagem à escola e a água em si ajudou bastante a melhorar a presença dos alunos na escola.

“O número de alunos, este ano subiu de 474 para 508 e o nível de permanência na escola também. Nos outros anos, por esta altura, já podíamos ter desistências porque as crianças deviam associar a escola com a busca da água, que escasseava muito”, afirma ele.

Com 35 anos de idade e natural de Mecanhelas, Eliseu conhece bem a realidade local. Na escola, ele desempenha as funções de Director desde 2017. Neste ano, a escola conta com 508 alunos e lecciona da primeira à Sétima Classe. Antes da instalação do Sistema de abastecimento de água da WaterAid, existia lá um furo que não era suficiente para responder a demanda, quer por parte dos alunos, quer por parte da comunidade vizinha da escola. O Director está, por isso, muito feliz com o projecto e, acima de tudo, pelo facto de integrar também a componente de higiene.

“Aqui temos um clube de saúde escolar que lida com a questão de higiene. Os meninos trabalham mais com a higiene em geral e as meninas estão mais focadas na questão da higiene menstrual”, continua o Director da Escola.

Mas de forma mais prática, os alunos tratam de questões de limpeza, manutenção da escola, das infra-estruturas que estão a ser construídas, incluindo o bloco sanitário, entre outros.

Eliseu Afonso nota que o envolvimento dos alunos nesta matéria tem sido muito importante porque ajuda a abrir-lhes a mente e, uma vez na sala de aulas, não mais enfrentam dificuldades sobre as matérias ligadas à higiene.



Eliseu Afonso, Director da EPC de Insaca. Foto: WaterAid / Arão Valoi

“Eles já sabem que viver em ambiente limpo e higiénico é importante. Estamos orgulhosos que a nossa escola tenha sido uma das seleccionadas para este projecto, por isso, recebemos estas infra-estruturas de mãos abertas e prometemos cuidá-las para não mancharmos a nossa imagem e reputação. Vamos dar o nosso melhor”, finalizou o Director.

Havia alunas que faltavam às aulas por causa da menstruação

As 21 anos de idade, Regina Luís é, desde 2017, Professora da Segunda Classe na Escola Primária Completa de Insaca. É ela que trabalha de forma directa com os 12 membros do Núcleo de Saúde Escolar. Na verdade, o núcleo tem 9 alunos e 3 professores, sendo ela a presidente.

“Temos estado muito focados na educação daquelas meninas em idade pré-menstrual, para que possam encarar com normalidade o período, quando começar. O normal para crianças destas comunidades, é assustar-se ao ver o sangue sair. Outras preferem ficar em casa e perder as aulas”, explica ela.

Regina já testemunhou situações de alunas que, nas suas famílias e comunidades, foram acusadas de feitiçaria e de terem problemas com antepassados por causa de uma simples menstruação. E esse é o desafio da professora que, para o efeito, trabalha em estreita colaboração com as matronas.

O grande desafio, tal como narra Regina, está na obtenção dos pensos. Em Insaca, ainda não começaram a produzir pensos sustentáveis como se faz em outras escolas.



Meninas do Clube de Saúde Escolar da EPC de Insaca. Foto: WaterAid/Arão Valoi



Belinha Luís esboça um leve sorriso, porém, revelador da angústia que a menina vive devido à falta de água em Mulinda. Foto: WaterAid/Arão Valoi

Alerta Vermelho em Mulinda

Mulinda é uma comunidade situada no Posto Administrativo de Insaça, localidade do mesmo nome. Está há sensivelmente 7 km da Vila de Mecanhelas e, segundo as estatísticas fornecidas pelas autoridades locais, é composta por 146 famílias. Mulinda vive um drama de água sem precedentes. Desde que a comunidade existe, nunca houve um poço convencional. Toda a comunidade socorre-se do Rio Muchimazi, que nasce nas montanhas Khomoni e desagua no Lago Chirua, depois de percorrer uns 60 km de distância.

O rio está há quase 4 km da comunidade de Mulinda e a água que corre é totalmente turva, imprópria para o consumo humano, para além de que a mesma é partilhada com os bois. No mesmo local onde a população tira água para beber, pode-se ver pessoas de várias idades a tomarem banho e outras a lavarem a roupa.

No local, encontramos Belinha Luís, uma menina de 12 anos de idade e aluna da Sexta Classe na Escola Primária Completa de Chaca. São sensivelmente 10 horas e, era suposto que Belinha estivesse na escola. Mas faltou, porque há que garantir água, primeiro.

“Sei que no fim do ano posso chumbar, mas não tenho alternativa. Esta água está suja. Tudo é feito aqui. Banho, lavagem de roupa, abeberamento dos bois e no fim tiramos para consumir, por isso, o sabor não é bom, só usamos porque temos medo de morrer por falta de água”, explica a menina, com um ar de desespero.

Para conseguir 25 litros de água, Belinha percorre 8 km (ida e volta) até ao Rio e deve fazê-lo várias vezes: pelos menos umas três, tal como conta ela. Belinha tem um olho vermelho, denotando que algo não vai bem com

a sua saúde. Diz ela que a situação começou um dia depois de mergulhar no rio. Suspeita, por isso, que esteja relacionado à água. O Pai da Belinha, Issufo Daglaci, 41 anos, casado com Margarida Saimone, 39, também vive por perto a crise da água, mas sente-se impotente para esboçar qualquer que seja a solução.

“Como pai, sinto muito pelos meus três filhos. O mais velho teve de deixar de estudar porque tem que ajudar na machamba e assim poder libertar as meninas para ir ao rio. A Belinha está na Sexta Classe, mas se não fosse esse problema, se calhar estaria noutra nível”, lamenta. Mesmo assim, Issufo tem Esperança que um dia a água limpa possa chegar:

“Se um dia a água chegar estaremos muito alegres e aí veremos que existem pessoas que se preocupam connosco. A água é muito importante para nós, mas o Governo sempre que vem aqui promete e depois não diz mais nada”.

Em Mulinda, existem vários casos de desnutrição crónica. Crianças com idade inferior aos 5 anos de idade, sofrem, não só com os problemas de água, mas também de alimentação.

Argentina Eduardo, 23 anos de idade, casada com Assima Baptista, agricultor, também testemunha a grave situação a que se encontra o povoado de Mulinda.

“Em Mulinda temos várias situações de pessoas doentes, principalmente crianças. Basta usarmos esta água, sentimo-nos mal. Estamos isolados e o Governo não se lembra de nós”, continua ela. Argentina tem uma bebé de 14 meses. Chama-se Rosita Assima e não aparenta bom estado de saúde. A criança bebe da mesma água suja.



Argentina Eduardo, residente da comunidade de Mulinda, lavando a roupa no Rio Muchimazi. A mesma água é depois usada para o consumo humano. Foto: WaterAid/Arão Valoi

